

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *A Crítica*

Class.: *Kulina 56*

Data: *11.10.92*

Pg.: _____

Massacre continua, dizem os índios

Ana Célia Ossame

Amanhã, quando a comunidade européia festeja os 500 anos de descobrimento das Américas, no meio da floresta, em Boa Vista, mais de mil representantes indígenas da região estarão denunciando o massacre que Cristóvão Colombo representou ao mesmo tempo em que afirmam a luta contra outros tipos de "massacres", determinados pelo governo e pelos projetos de desenvolvimento que não consideram os valores indígenas. Na ocasião, lançam a campanha pela demarcação da área indígena Raposa/Serra do Sol, habitada tradicionalmente por índios Macuxi, Wapixana, Taurapegg e Inagiro.

Para as lideranças indígenas que até a sexta-feira estiveram reunidos em Manaus simplesmente não há o que festejar no aniversário do descobrimento das Américas. Mas é necessário resistir sempre.

A cruz e a espada — Armado com a cruz, a espada e o sonho alimentado com a fé em Deus que registrava nos diários de viagem, Cristóvão Colombo, nascido em Gênova (Itália), partiu da Espanha há 500 anos pelos mares do desconhecido continente e embarcou na história mundial como autor de uma das maiores proezas já realizadas em todos os tempos. E também de um dos maiores massacres a que a humanidade tem conhecido. Seu caminho era chegar até as Índias pelo oeste, mas o Novo Mundo descoberto pelo navegador mudaria definitivamente os caminhos e o mapa da civilização. Depois disso, os ventos da posteridade chegaram com a discussão sobre a conduta de Colombo e as consequências amargas de sua aventura para os primeiros habitantes deste continente.

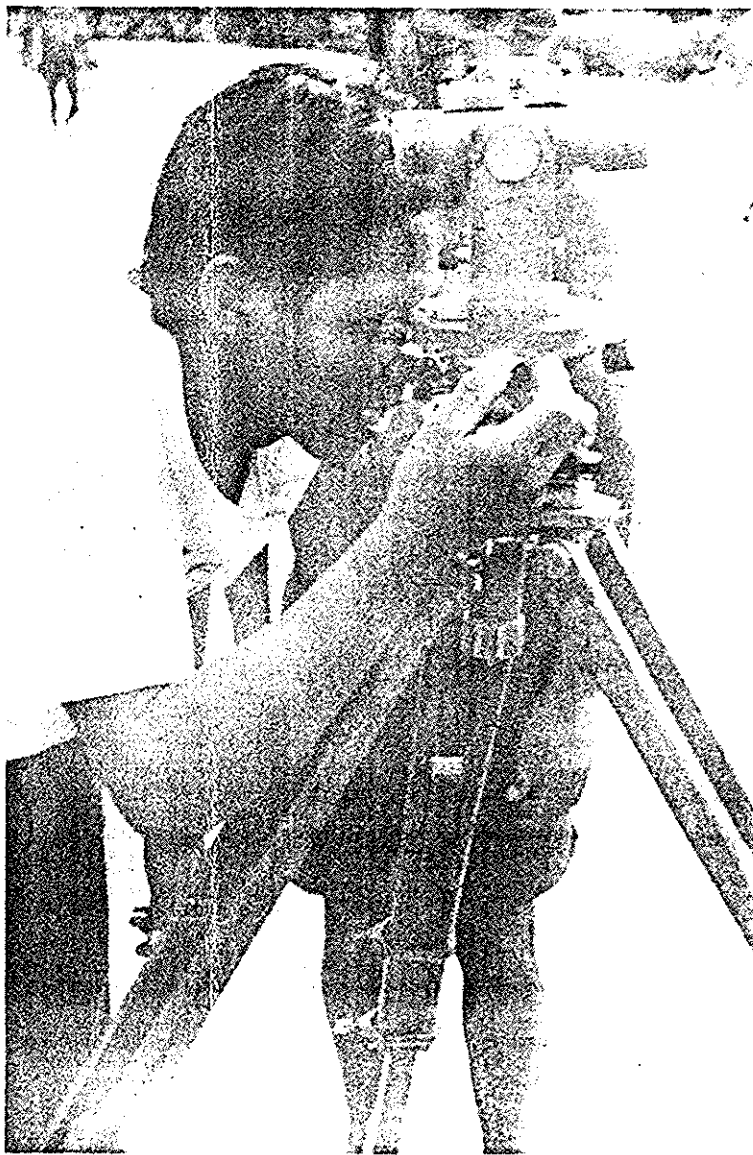
A expedição de Colombo, com as caravelas Santa Maria, Pinta e Niña, chegou ao lugar conhecido hoje como América no dia 12 de outubro de 1492. Ele apostara toda a sorte na convicção de que era possível viajar até às Índias através de uma reduzida porção de oceano separando a Espanha da Ásia. A ideia estava errada, mas com ela Colombo abriu o ci-

clo dos grandes descobrimentos e deu o primeiro passo no processo de civilização de um imenso continente habitado apenas pelos indígenas.

A descoberta de Colombo permitiu à Europa ampliar suas fronteiras, mas as comemorações deste 12 de outubro têm outro significado que não o de festa. A data está trazendo à tona acusações sobre o navegador genovês que teria sido de extrema crueldade com os índios, sem escrúpulos ou princípios apesar de navegar em nome de Deus. Na verdade, segundo alguns historiadores como Berkley, ele iniciou o massacre aos povos indígenas que até hoje mancha a história de sangue e alguns chegam a dizer que perto do que sofreram os índios americanos nas mãos de Colombo, os judeus poderiam agradecer a Hitler.

É claro que olhar o feito de Cristóvão Colombo somente por este lado parece parcialidade. Mas a perversidade de que se tem notícia não tem sido silenciada. Contam que eles assavam os prisioneiros em grelhas, enforcavam cativos em lotes de 13 para homenagear o Redentor e seus 12 apóstolos, faziam apostas sobre quem abriria um homem pela metade ou quem era capaz de decapitar-lhe a cabeça com um único golpe de espada. Mas muitos povos, é verdade, respondiam à crueldade com a selvageria necessária para a defesa que acabava em vão.

Na primeira de suas quatro viagens ao Novo Mundo, Cristóvão Colombo gastou 69 dias na ida e 47 na volta. Na última, já um veterano do Atlântico, fez a travessia em 21 dias. O nome de América foi dado por Américo Vespúcio, que era um bancário gerente da agência de Sevilha, autor do primeiro mapa do novo continente. Colombo morreu aos 54 anos, de artrite e reclamando da falta de misericórdia divina. Só a partir do terceiro centenário da descoberta é que foi reconhecido como o maior almirante de todos os tempos, o grande navegador que sem cartas seguiu pelos mares para mudar a paisagem descrita nos mapas e ampliar as fronteiras do mundo.



Os índios Kulina aprendem a demarcar

'Não podemos é festejar o genocídio. Queremos contar a nossa história'.
Orlando Baré

'Chegou com santo e espada na mão, e em nome dele matou milhares de irmãos'.
Antônio Caritiano

'Massacre não acabou e isso precisa ser dito e sempre, bem alto mesmo'.
Darcy Marubo

'Como pode alguém descobrir algum lugar que já é conhecido e habitado'.
Vânia Tadros

O exemplo mostrado pelos Kulina

Desde que as caravelas Santa Maria, Pinta e Niña chegaram trazendo Colombo e os europeus a estas paisagens, os povos indígenas, que eram mais de dois mil estão reduzidos à metade, dos quais 180 deles vivem no Brasil. Aqui são 254 áreas a serem demarcadas, mas em apenas casos 108 foram iniciados os processos com esse objetivo. As demais áreas esperam que o governo brasileiro cumpra a lei e o seu dever. Mas o governo tem falhado "vergonhosamente" e o que resta fazer?

Os índios conhecidos como Kulina, do Médio Juruá, cujo nome original é Madijá (significa gente), estão dando o exemplo. Eles iniciaram no ano passado o projeto de autodemarcação das terras que está sendo orientado pelo engenheiro agrônomo José Otávio Parreira. Aprendendo a manejar aparelhos que medem distâncias e conhecendo técnicas de topografia entre outras, os Kulina ou Madijá (le-se Madirrá) devem demorar pelo menos mais três anos para completar a leitura de toda a extensão territorial que ocupam.

Mas ainda assim, a primeira autodemarcação será mais rápida do que esperar que o governo faça o trabalho há muito esperado. "O custo desse processo é quatro a cinco vezes menor do que se for feito pelos órgãos oficiais", constata o engenheiro que tem sido companheiro de caminhadas e comandante na tarefa de conhecer o território. Já estão afixadas cerca de 40 placas e 50 marcas foram deixadas nos 80 quilômetros de picada abertos pelos viajantes. No total, são cerca de 570 quilômetros a serem percorridos. Mas os Kulina ou Madijá não tem pressa.

Eles realizaram no ano passado a sua 1ª SBPC Madijá para discutir seus problemas, fazer planejamento e definir ações de trabalho. Inspirados nas reuniões da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, aproveitam para fazer um grande seminário envolvendo a comunidade e estabelecer estratégias para as comunidades. A.C.O.